



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS
SECÇÃO DE LÍNGUAS BANTU
CURSO DE LICENCIATURA EM ENSINO DE LÍNGUAS BANTU

Relatório Final do Curso e do Estágio Pedagógico

Estudante: Jéssica Atália Mahulane

Supervisor: Prof. Doutor Gervásio Chambo

Maputo, Maio de 2026

Relatório Final do Curso e do Estágio Pedagógico

Relatório de Estágio Pedagógico decorrido no Centro de Formação Pedagógica de Mahulane (CFPM) apresentado em cumprimento dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de Línguas Bantu pela Universidade Eduardo Mondlane.

Estudante: Jessica Atália Mahulane

Jéssica Atália Mahulane

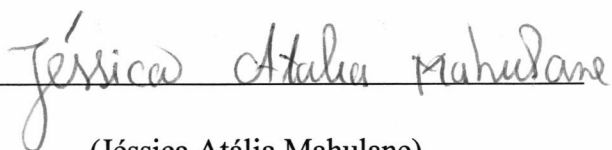
Supervisor: Gervásio Chambo

Prof. Doutor Gervásio Chambo

Maputo, Maio de 2026

Declaração

Declaro por minha honra que este relatório pedagógico constitui fielmente o resultado das minhas persistentes experiências práticas pedagógicas que desenvolvi no Centro de Formação Pedagógica de Mahulane e que, por esta razão, nunca foi apresentado em quaisquer contextos e ou circunstâncias para fins de obtenção de um grau académico.



(Jéssica Atália Mahulane)

Dedicatória

À minha mãe, Atália Ernesto Mahulane, por ter mim incentivado a estudar desde o 1º ano até o último ano, mesmo quando perdeu o emprego por conta das manifestações pós-eleitorais (Dezembro de 2024 a Março de 2025) que era o pilar do pagamento das despesas académicas.

Mãe, já vencemos!

Agradecimentos

Para se tornar uma realidade este trabalho, graças a mim e ao esforço massivo de algumas pessoas que colaboraram directa e indirectamente:

Agradeço de forma particular aos meus pais, Bernardo Sambo, Atália Mahulane, Andrade André Balane e Crisalda Ernesto Mahulane, o meu muito obrigado pela força que me deram nos momentos difíceis que passei nesta trajetória. Lembrar-me-ei sempre das vossas palavras: “os sonhos são realizados nas dificuldades e que nunca devemos desistir de acreditar neles;

À Profa. Doutora Nelsa Nhantumbo que sempre esteve disponível para me ajudar no esclarecimento das dúvidas em determinadas matérias. Igualmente, na qualidade de directora do curso sempre esteve apta para resolver questões relacionadas com Registo Académico. Além de ser minha docente, considero uma excelente mãe académica;

Ao meu supervisor do estágio pedagógico I e II, Prof. Doutor Gervásio Chambo, agradeço bastante pelo incansável apoio incondicional neste processo e por não ter desistido de mim;

Aos formadores Fole e Samaritana, agradeço pelo acompanhamento e carinho que me providenciaram enquanto estagiária na vossa instituição;

Ao meu parceiro e companheiro da vida, Carlos Daniel Tovela, o meu profundo agradecimento pelo apoio emocional e material, pelo incentivo e por acreditar que o sonho tornaria-se uma realidade. Khanimambu svinene wa KaTovela;

Às minhas amigas, Clema Nhantumbo, Éssia, Amélia Manjate, pela vossa calorosa presença no meu percurso académico.

Lista de abreviaturas

CFPM	Centro de Formação Pedagógica de Mahulane
CP	Campo de Estágio
DC	Diários de Campo
DLM	Didáctica de Línguas Moçambicanas
DR	Diário Reflexivo
EB	Ensino Bilingue
EP	Estágio Pedagógico
FE	Formador Estagiário
FH	Formador Hospedeiro
LME	Línguas Moçambicanas e sua Estrutura
OP	Oficinas Pedagógicas
RF	Relatório Final
SE	Supervisor do Estágio
TdR	Termo de Referência

Resumo

O relatório final do curso e do estágio pedagógico, foca-se em apresentar e analisar reflexivamente todas as actividades realizadas no Centro de Formação Pedagógica de Mahulane. Procuramos essencialmente reflectir em torno da presença do estagiário no campo de estagiário, destacando a sua importância na partilha do conhecimento com os formandos adquirido no seu percurso académico na UEM. O estágio pedagógico permite desenvolver práticas pedagógicas relacionadas com a planificação e leccionação de aulas, gestão de sala de aulas, elaboração de materiais didácticos e avaliação do ensino-aprendizagem nas disciplinas de línguas moçambicanas e sua estrutura e didáctica de línguas moçambicanas e familiarizar os estagiários com todo o ambiente de práticas pedagógicas. Por outro lado, o estágio evidenciou-se como uma componente reflexiva na medida em que melhora e fortifica o conhecimento dos formandos e, o estágio também evidenciou-se por ser um factor crucial nos futuros professores bilingues, permitindo assim, boa interacção com diferentes intervenientes, formandos, formadores hospedeiros, supervisores e funcionários não docentes para que se tenha uma maior e melhor percepção da teoria com a prática leccionada na sala de aulas.

Palavras-Chave: estágio pedagógico; práticas pedagógicas; línguas bantu.

Inkomisu

Tsalwa leli la vuwupfisi la vujondzi, lina nkongometa wa kukombisa kutshandza ni kuxopaxopa hi vuyanakanyu mintiru hi nkwayu yiyendliweke ka xititutu xa kuwupfisa vajondzi. Ka tsalwa leli hi lava hi ntshima ntshima kuyanakanya makumekela ya muwupfisiwa xititutu, ni lisima la kuyavelana wutivi ni va jondzisiwa vakumiweke hi nkarhi wa tidyondzo ta tirimi ta xibantu.

Vuwupfisi la tijondzo lipfumeta kuhluvukisa vutshila la tijondzo lifambelanaku ni kunguhato, jondziso wa tijondzo, vutongi la lawu la tijondzo, koroketi la svigotso sva kujondzisa ni xikambelo xa jondziso la vujondzi Ka mabuku ya tirimi ta vamusambikana ni xivumbeko xa tona, majondziselo ya Xibantu ni kutolovelana ka vawupfisiwa ni dhawu hi nkwayu ya kujondzisa vajondzisi va mabuku ya le hansi ni vajondzisi va vanhu vakulu.

Hi tlhelo lin'wanyani, muwupfisiwa atikombisile tani hi munhu wa kuyehleketa yampsiso wa mayedlela ya jondziso ni vujondzi la vajondzisiwa. Na svona, atikombisile hi ku analisima Ka

mayendlela ya kujondzisa vatirhi va vumundzuku la vujondzisi, apfumeta ha kona ku kombisana ni vanhu vo hambana hambana, tani hi vajondzisiwa, vajondzisi va xititutu, vá voneleli va tijondzo no vatirhi vaku vangajondzisi akuva angakuma twisiso wa kuyampsa Ka teyoriya no vutshila svijodzisiwaka ka lawu la tijondzo.

Marito ya nkoka: vuwupfisi la vujondzi; vutshila la vujondzi; tirimi ta Xibantu.

Abstract

The final report for the course and teaching internship focuses on presenting and reflectively analyzing all the activities carried out at the Mahulane Training Center. Essentially, we aim to reflect on the intern's presence in the field, highlighting its importance in sharing the knowledge acquired during their academic journey at UEM with the trainees. The teaching internship allows for the development of pedagogical practices related to lesson planning and teaching, classroom management, the creation of teaching materials, and the evaluation of teaching and learning in the subjects of Mozambican languages and their structure and didactics, and familiarizes interns with the entire environment of pedagogical practices. Furthermore, the internship proved to be a reflective component, improving and strengthening the trainees' knowledge. It also proved to be a crucial factor for future bilingual teachers, allowing for good interaction with different stakeholders—trainees, host trainers, supervisors, and non-teaching staff—to gain a greater and better understanding of the theoretical aspects of classroom teaching practice.

Keywords: teaching internship; pedagogical practices; Bantu languages.

Índice	
Declaração	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Lista de abreviaturas	iv
Resumo	v
1. Introdução	1
1.1. Contextualização	2
1.2. Objectivos.....	2
1.3. Contribuição do relatório	3
1.4. Metodologia	3
1.5. Organização do relatório.....	3
2. Análise e reflexão de dados	3
2.1. Antecedentes do estágio	4
2.1.2. Expectativas da estagiária.....	4
2.2. Observação de aulas.....	5
2.2.1. Observação de aulas como prática pedagógica	6
2.2.2. Observação de aulas e o amadurecimento do pensamento crítico-reflexivo.....	6
2.3.3. Reflexão crítica e pedagógica sobre o período de observação de aulas	8
2.3. Planificação de aulas.....	8
2.3.1. Importância da planificação conjunta.....	9
2.3.2. Reflexão crítica e pedagógica sobre planificação de aulas.....	10
2.4.1. Ensino focado no formando e ensino focado na formadora	11
2.4.2. Domínio de métodos de ensino da L1 em forma de Relatório Reflexivo do Seminário ..	12
2.4.3. Modelagem dos estagiários na sala de aulas	12
2.4.3. Reflexão crítica e pedagógica sobre leccionação de aulas	13
2.5. Supervisão de aulas e do estágio.....	13
2.5.1. Reflexões didácticas do estagiário sobre a supervisão vivenciado no estágio	14
2.5.2. Contribuições da supervisão no desenvolvimento pedagógico do estagiário	15
2.5.2. Principais aprendizagens adquiridas.....	15

2.7. Avaliação crítica sobre o estágio	18
3. Conclusões	19
3.1. Recomendações	19
Referências Bibliográficas	20
Anexos	22

1. Introdução

O presente relatório de final (RF) faz parte do 4º ano e termina com o estágio pedagógico I e II (EP I e II). Este RF, visa descrever e analisar reflexivamente as práticas pedagógicas e o exercício de docência no contexto de Centro de Formação Pedagógica de Mahulane (CFPM). O estágio pedagógico (EP) é uma actividade de práticas pedagógicas que tem como objectivo colocar o estagiário em contacto directo com a realidade profissional do curso em que está inscrita, proporcionando-lhe novas aprendizagens, treino e consolidação de aquisições anteriores (Dias, 2008).

De acordo com o Termo de Referência (TdR), constituem objectivos do EP: habilitar os estagiários de competências de saber-fazer desenvolvendo práticas pedagógicas relacionadas com a observação, planificação e leccionação de aulas; elaboração de materiais didácticos e avaliação do ensino-aprendizagem no contexto das disciplinas de Didáctica de Língua Moçambicanas (DLM) e Línguas Moçambicanas e sua Estrutura (LME) bem como familiarizar o estagiário com todo o ambiente de práticas pedagógicas.

Em conformidade com TdR, os estagiários são submetidos às práticas pedagógicas (PP) com base nas seguintes actividades: Observar aulas leccionadas pelos formadores locais; Apoiar as actividades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem (aulas práticas, elaboração de material didáctico, actividades práticas e acompanhamento pedagógico dos formandos); Participar nas sessões de planificação da disciplina; Apoiar nas actividades de correcção de actividades e de avaliações dos formandos, etc.

Ainda na linha do TdR, o estagiário no campo de estágio (CE) deve ter em conta seguintes as responsabilidades éticas e deontológicas inerentes ao seu contexto de EP: respeitar e cumprir com o regulamento interno do local do estágio; ser íntegro pessoal e profissionalmente; ser auto-avaliativo, reflexivo e pedagogicamente crítico em relação ao seu desempenho; observar aulas com apoio do formador local; participar em todas as aulas da disciplina na qual decorrem as suas práticas pedagógicas; planificar e leccionar aulas usando metodologias criativas e centradas nos formandos; participar das sessões de análise de aulas e das oficinas do estágio pedagógico; elaborar relatórios mensais e diários de campo referentes ao decurso do estágio pedagógico; desenvolver um portfólio físico com o material didáctico usado no estágio pedagógico e cumprir

com as orientações definidas nos termos de referências entre outros documentos em coordenação com os formadores locais e supervisores do estágio.

1.1. Contextualização

O nosso EP I e II foi realizado no Centro de Formação Pedagógica de Mahulane, nas disciplinas de LME e DLM. Concernente à situação étnica- linguística e comportamental da turma, a turma era constituída por 23 formandos, onde 4 eram rapazes e 19 eram raparigas. Destes, dezassete formandos eram falantes da língua xichangana, dois falantes de Cisená, dois falantes de Echuwabo, um falante de Gitonga e um formando falante da língua Xizronga. O mesmo EP teve duração de 2 semestres: EPI e EPII. No primeiro semestre trabalhámos com a disciplina de LME que iniciou em Abril de 2025 e terminou em Junho do mesmo ano e, no segundo semestre estagiámos na disciplina de DLM que iniciou em Julho de 2025 e terminou em Outubro do mesmo ano.

Em termos comportamentais, os formandos apresentavam boa disciplina, porém alguns apresentavam comportamento não adequado no decorrer da aula quando conversavam mais além de prestarem atenção na aula. Passado um tempo, foram mostrando outra postura que ditava boa disciplina e fáceis de trabalhar com eles, pois no princípio demonstravam desinteresse em línguas moçambicanas.

1.2. Objectivos

O RF tem como objectivo geral, reflectir de forma crítica sobre as actividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito do estágio pedagógico realizado no CFPM. Especificamente, o RF propõe-se a:

- (i) Descrever as actividades pedagógicas relacionadas com a observação, planificação e leccionação de aulas desenvolvidas no decurso do EP e avaliação de aprendizagem dos formandos;
- (ii) Identificar os pontos negativos e positivos constatados no decurso das actividades pedagógicas circunscritas ao EP (observação, planificação, leccionação e avaliação) no contexto de CFPM;

- (iii) Interpretar de forma crítica as constatações vivenciadas no decurso das actividades pedagógicas inerentes ao EP;
- (iv) Construir um posicionamento crítico e pedagógico a partir dos pontos negativos e positivos vivenciados e/ou constatados no decurso das actividades pedagógicas;

1.3. Contribuição do relatório

Tendo em conta a reflexão de todas as PP que nós realizámos e vivenciámos durante o período de EP no CFPM, o relatório vai contribuir de forma positiva na nossa formação académica como formadores de línguas moçambicanas, no âmbito de planificação e leccionação de aulas. Por outro lado, o mesmo relatório vai nos ajudar a analisar criticamente sobre a implementação do ensino bilingue no nosso país.

1.4. Metodologia

Para a materialização do presente RF recorreremos à pesquisa qualitativa e os dados descritos neste relatório foram recolhidos por meio de fichas de observação de aulas; diários de campo, inquérito de avaliação de desempenho do estagiário; ficha de amigo crítico; ficha de avaliação final do estagiário; ficha de auto-avaliação; notas de campo; das secções de oficinas pedagógicas (OP) e observação efectuada continuamente ao longo do EP.

1.5. Organização do relatório

O RF está estruturado em partes: a primeira parte, corresponde à introdução onde apresentamos o local de estágio, as turmas, a situação étnica-linguística e comportamental da turma, duração, disciplinas, objectivos, a contribuição do relatório, metodologia e a organização do relatório. A segunda parte, apresenta o desenvolvimento que e estão patentes os antecedentes do estágio e expectativas do estudante, a observação, planificação e leccionação de aulas, auto-avaliação crítica sobre os resultados do estágio, apreciação dos formadores e formandos e, por fim, a terceira parte apresenta a conclusão e as recomendações para o CFPM e a Universidade Eduardo Mondlane.

2. Análise e reflexão de dados

Para o estudante, a fase de estágio contempla demonstração das habilidades adquiridas ao longo da sua formação se preparando assim como um verdadeiro profissional da educação em termos

científicos, didáctico-pedagógico. Por isso mesmo, neste presente relatório final do curso e estágio pedagógico vamos analisar e reflectir criticamente todo processo de PEA desenvolvido no CFPM desde: a observação, planificação e leccionação de aulas e dos mais elementos que nortearam o nosso EP.

2.1. Antecedentes do estágio

Nesta parte relatamos sobre as nossas expectativas do EP antes das PP no CFPM. Para o nosso EP, tivemos orientação do supervisor do estágio (SE), onde organizou as OP com intuito de nos dar a conhecer realmente o que eram as PP que iríamos aplicar no campo de estágio (CE). Igualmente, com as OP tivemos o privilégio de apresentar as dúvidas que diziam respeito à leccionação de aulas no CE. Todavia, com as OP e outros momentos de preparação da ida do CE fomos treinados a produzir diários reflexivos, anotações de campo e aspectos pedagógicos a ter no período de observação de aulas.

2.1.2. Expectativas da estagiária

Expectativa é uma simulação produzida por nossa mente que projecta antecipadamente nossas crenças sobre o comportamento, atributos e características de pessoas ou grupos bem como os nossos resultados de uma situação (Repetto, 2023).

A nossa expectativa com relação ao EP foi boa, porque sabíamos que se tratava de mais uma oportunidade de demonstrar o conhecimento e fazer a devida partilha. Desta forma, pensamos de imediato que os formandos que íamos encontrar no CFPM fossem falantes nativos das suas línguas de trabalho, porém a realidade nos mostrou outro cenário, ora os formandos na sua maioria procuraram algumas línguas moçambicanas inteligíveis e se encaixavam nelas o que de certo impactava negativamente nos resultados esperados no processo de ensino-aprendizagem (PEA).

A outra expectativa que tínhamos era de impulsionar e motivar os formandos a levarem a sério o ensino bilingue que tem dado melhores resultados no país, sobretudo nas escolas das zonas rurais onde se implementa esta modalidade. Por outro lado, antes do nosso EP, tivemos a ideia de que, chegado ao CE poderíamos criar uma estratégia de os formandos apresentarem jornal matinal nas línguas moçambicanas após o hino nacional e hino dos professores como forma de valorizar as

nossas línguas e respeitar a diversidade linguística e cultural dos formandos naquela comunidade académica.

2.2. Observação de aulas

Reis (2011:12) entende que “a observação de aulas permite aceder, entre outros, às estratégias e metodologias de ensino utilizadas, às actividades educativas realizadas, ao currículo implementado e às interacções estabelecidas entre professores e alunos”.

Ao longo do nosso EPI, observámos 8 aulas, das quais, 4 aulas no EPI, na disciplina de LME, nos dias: Aula 1 a 27 de Março de 2025; aula 2 a 31 de Março de 2025; aula 2 a 03 de Abril de 2025 e aula 4 a 14 de Abril de 2025. E outras 4 aulas observámos na disciplina de DLM, nos dias: aula 1 a 28 de Julho de 2025; aula 2 a 31 de Julho de 2025; aula 3 a 03 de Agosto de 2025 e aula 4 a 08 de Agosto de 2025.

Dos temas que observámos na disciplina de LME destacámos os seguintes: Características gerais das Línguas Bantu; Localização das Línguas Bantu no Continente Africano; Moçambique como País Multilíngue e Multicultural e Classificação de Línguas Bantu de Moçambique segundo GUTHRIE (1967). E dos temas que observámos na disciplina de DLM destacámos os seguintes: Abordagem comunicativa e o ensino de L1; Funcionamento do modelo de ensino bilingue e Ensino da Oralidade: Método de Situação de Comunicação/Dramatização.

Todas as aulas que observámos foram leccionadas pelo formador hospedeiro (FH) e, em termos de abordagem metodológica, as aulas foram ministradas com base na abordagem do ensino centrado no formando.

Nesta secção debruçamo-nos sobre observação de aulas realizadas no EP, onde vamos descrever através de um relato de experiência e análise da realidade da sala de aula e as dificuldades encontradas no ambiente da formação inicial de professores que se espera que actuem também na modalidade de ensino bilingue destacando: observação de aulas como prática pedagógica no CFPM, observação de aulas e o amadurecimento do pensamento crítico-reflexivo e reflexão crítica e pedagógica sobre o período de observação de aulas.

2.2.1. Observação de aulas como prática pedagógica

O acto de observar é fundamental para analisar e compreender as relações dos sujeitos entre si e com o meio em que vivem (Aragão & Silva, 2012).

Em muitos casos, quando se questiona ao estagiário o que realmente tem se observado, a resposta geralmente tem sido, observa-se tudo. Nesse tudo se inclui diferentes aspectos como, por exemplo, conhecimentos factuais, conceituais, procedimentais e atitudes dos formandos. Sendo que, a observação de aulas tem sido de alguma forma uma preparação para a leccionação futura, o estagiário deve estar por um lado mais focado nas estratégias de transmissão dos conteúdos no âmbito da leccionação, sobretudo quando o FH estiver a leccionar.

No decurso da observação de aulas como PP, constatamos vários aspectos metodológicos e de sala de aula que mereceram nossa avaliação como aspecto negativo, a saber: os formandos falantes da língua Echuwabo tiveram várias dificuldades em perceber a matéria, justificando que a sua língua carece de alguns modificadores, o que não é verdade, pois no nosso entendimento, os formandos mostravam-se preguiçosos para reflectir exemplos na sua língua. Contrariamente a este aspecto positivo, os formandos falantes da língua Xichangana é que perceberam a matéria de forma extremamente rápida o que facilita o ensino-aprendizagem na sala de aula (vide o anexo de DR1).

2.2.2. Observação de aulas e o amadurecimento do pensamento crítico-reflexivo

Pimenta (1997:23) entende que “as transformações das práticas docentes só se efectivam na medida em que o professor amplia sua consciência sobre a própria prática. O alargamento da consciência, por sua vez, se dá pela reflexão que o professor realiza na acção. Em suas actividades quotidianas, o professor toma decisões diante de situações concretas com as quais se depara. A partir das quais constrói saberes na acção. Mas sua reflexão na acção precisa ultrapassar a situação imediata. Para isso é necessário mobilizar a reflexão sobre a reflexão na acção”.

Conforme está reflectido no Diário Reflexivo 2 (DR2), o FH, chegou na sala por volta das 09 horas, saudou os formandos e eles corresponderam a saudação. Em seguida, o FH questionou-lhes se haviam lido sobre o tema “limites/fronteira das palavras”, porém um e outro é que havia

lido. O FH zangou-se bastante, porque não havia como debater-se antes dele fazer a sistematização da aula. O formador prosseguiu com a aula, explicou o que são limites ou fronteiras de palavras e ilustrou alguns exemplos no quadro. Enquanto o formador estava a explicar, alguns formandos que falavam a língua Xichangana estavam a conversar, e nós ordenámos que eles parassem de conversar, e infelizmente eles não nos deram ouvidos. Diante desta situação, tivemos que informar ao FH e ele interveio rapidamente.

O formador deu-lhes exercícios de aplicação; e eles resolveram em grupo, uma vez que eles estão organizados em grupos de línguas. O exercício foi feito com a monitoria dos formadores, circulávamos em cada grupo e vendo a nossa presença, os grupos expunham as suas dúvidas. A actividade fluía e depois, na etapa da apresentação dos resultados dos grupos, estes foram escrevê-los no quadro e, seguidamente, o FH fazia correcção. Entretanto, alguns grupos conseguiam escrever no quadro por causa da hora uma vez que, tocou o sino de fim do período da aula e nisto, o FH disse-lhes que terminariam a apresentação da actividade na próxima aula (vide o anexo2, DR2).

Face aos factos observados e patentes no DR2 acima mencionado, chegámos a conclusão de que, os formandos têm muito tempo de falar ou apresentar as constatações referentes ao tema que lhes são partilhados pelos FH para fins de pesquisa e estudo. E, chegado o dia das apresentações levam tempo e no final o FH fala somente 5-10 minutos em jeito de uma sistematização. A estratégia não é benéfica ao exercício da profissão de futuros professores de ensino bilingue, visto que geralmente os conteúdos são novos, isto é, estão a aprendê-los pela primeira vez e exclusivamente no contexto da formação.

Adicionalmente, o que constatámos ao nível da nossa observação é que o estagiário neste CFPM não tem tido a oportunidade de expor as suas metodologias de ensino na área de línguas moçambicanas. E este facto, prejudica por um lado, o mesmo estagiário porque se apegava somente às metodologias já existentes, criando assim a morosidade de transmissão dos conteúdos. E, por outro lado, prejudica ao formando o beneficiário final que é o formando porque às metodologias e as estratégias antigas não o trazem nenhuma evolução e dinamismo, consequentemente há desinteresse das línguas bantu por parte deles. Portanto, face a estes cenários observados,

sugerimos que se elimine a estratégia de sistematização das aulas pelos formadores visto que na sala de aulas verificou-se uma diversidade linguística e cultural.

Face à observação de aulas no CFPM, notou-se que o processo de aprendizagem dos formandos é contínuo. No entanto, visto que a aprendizagem centrada no formando e baseada em competências, muitas vezes constatámos a falta de domínio dos conteúdos, desmotivação dos formandos pela aprendizagem associados à um ensino multilingue na mesma sala.

2.3.3. Reflexão crítica e pedagógica sobre o período de observação de aulas

Observar aulas numa escola, por exemplo, no CFPM agregou valores importantes dado que colocou-nos vários desafios olhando para educação em Moçambique. Neste sentido, visto que quando um estagiário está no processo de observação de aulas para futura leccionação, convém de certo modo estender-se o período de observação da mesma, de 4 aulas pelo menos para 6 aulas, pois com este número resultaria uma solução prévia de dificuldades de encarar formandos, assimilação do plano de aula no contexto dos CFPM e criação de estratégias para o envolvimento de todos formandos no decorrer da aula de qualquer disciplina que envolve línguas moçambicanas.

Concluimos dizendo que, a observação de aula é uma etapa crucial para professor, na perspectiva em que pratica continuamente a actividade docente, pois só com as reflexões tiradas durante as observações e análises das aulas observadas vão constituir uma ferramenta para se melhorar os aspectos que não foram considerados positivos. Para isso, a observação não pode continuar como avaliação, mas sim instrumento ou etapa para melhorar o desempenho da prática de um docente.

2.3. Planificação de aulas

Zabalza (1992:48) entende a planificação de aulas como “uma previsão do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”.

Ainda com Zabalza (2000:47), a planificação tem a seguinte importância: prevê os objectivos, conteúdos, métodos e meios de ensino; facilita a preparação das aulas e as tarefas que se vão executar, actualiza os conteúdos, evita a rotina e a improvisação, contribui para a realização dos objectivos visados,

promove a eficiência do ensino; garante maior segurança na direcção do ensino e garante a economia do tempo e energia.

As aulas no CFPM eram feitas de acordo com plano modelo existente na instituição, porém mais tarde os estagiários padronizaram o mesmo com o supervisor do estágio o modelo único do plano para o uso no CE. Todavia, para o melhoramento do ensino-aprendizagem dos formandos do CFPM, em certas aulas levávamos material didáctico como: cartazes, papéis gigantes, cartolinas recortadas e textos de apoio. E, quanto ao número de aulas planificadas, tivemos no total vinte e duas aulas planificadas, nove aulas referentes ao EPI e treze aulas referentes ao EPII.

Nesta secção debruçamo-nos sobre a planificação de aulas no EP, onde vamos descrevermos de experiências vividas na formação de futuros educadores bilingues, destacando: importância da planificação conjunta, Reflexão crítica e pedagógica sobre planificação de aulas

2.3.1. Importância da planificação conjunta

Nesta sub-secção debruçaremos-nos sobre a importância da planificação conjunta. De ponto de vista dos professores, Silva (2002:114) diz que “a planificação conjunta pode ser operacionalizada a diferentes níveis: na planificação das próprias aulas; numa docência em conjunto (colaborativa); na avaliação das estratégias adoptadas na docência dessas aulas; na observação crítica e reflexiva dessa docência; na tomada de decisões; na avaliação colectiva e individual dos processos de trabalho desenvolvidos e dos resultados conseguidos”.

A partir do que foi exposto, é importante planificar em conjunto pois permite a existência partilha colectiva de conhecimento. Portanto, destacam-se as OP que com elas foi possível os estagiários desenvolver e partilhar os conhecimentos de acordo com a realidade do seu CE. Outrossim, destacámos a planificação feita pelo grupo dos estagiários de determinado CFPM e após isso partilhava-se com o SE. Este fazia a correcção e partilhava com os todos os estagiários para o uso dos seus CE.

Por conta disso, nota-se que a colaboração de todos os estagiários na planificação conjunta de determinados temas, dos planos quinzenais e mensais orientados pelo SE (planificar os temas e partilhar para possíveis subsídios e correcções; criação de materiais didácticos; busca de várias literaturas sobre o tema a se planificar, criação de pequenos textos de apoio para cada aula a ser

leccionada, etc...) e pelos FH's (ser ágil na criação de materiais didáticos para os formandos do CFPM; planificar as aulas seguindo a sequência dos temas predispostos no plano analítico, etc..) tudo isso envolvia negociações cuidadosas, tomada de decisões conjuntas e contribuiu para o desenvolvimento profissional dos futuros formadores de línguas moçambicanas e formadores de professores de ensino bilingue.

Reflexivamente, na planificação conjunta, os professores criam formas de leccionar as suas aulas de forma produtiva e abrangente, monitorando as suas actividades num ambiente tranquilo e ordeiro, embora há falta de meios materiais (papel, régua, esferográficas, corretores, etc..) para desenvolver uma planificação condigna e eficaz para uma boa interacção na troca de ideias e experiências neste âmbito de planificação. Sendo, assim constatou-se ainda nesta planificação que alguns estagiários desenvolviam mais conversas com colegas sobre a vida dos formandos e não se focar muito na planificação, o que por vezes levávamos muito tempo para planificar.

Concluimos que, quando há discussões ou trocas de experiências no âmbito da planificação conjunta pode favorecer a releitura da experiência de cada profissional de educação, onde as perguntas dos colegas, os pedidos de esclarecimentos, as explicações do porquê se agiu desta ou daquela maneira e são boas possibilidades para a reflexão para um professor ou para o estagiário que é futuro professor, sobretudo de línguas moçambicanas. Por outro lado, concluimos que é importante planificar as aulas em conjunto porque permite a existência de aquisição de um conhecimento comum ou colectivo.

2.3.2. Reflexão crítica e pedagógica sobre planificação de aulas

Nesta sub-secção, analisámos criticamente que, há uma necessidade de harmonização os planos de aulas da UEM e do CFPM visto que há uma tendência de o estagiário ser obrigado a planificar as aulas usando o plano modelo do CE, mas que o mesmo não tem ajudado no alcance dos objectivos da aula. Por isso, verificámos que a planificação conjunta foi pilar para o melhoramento da nossa planificação de aulas diárias, planificação de aulas quinzenais e mensais.

No que concerne às lições aprendidas, compreendemos que a planificação é a base de concretizar um certo aspecto, pois permite delinear de forma mais clara e profunda, norteando todas as actividades a serem realizadas.

Nesta sub-secção concluímos que, o plano de aula é indispensável para leccionação de aulas e por conta disso, entendemos que nos dias de simulações de aulas ou apresentação de trabalhos de pesquisa por parte dos formandos não há necessidade de formador planificar a aula. A exemplo de que estamos a falar, nos dias de apresentação de aulas, o formador chegado na sala de aulas de forma aleatória indica dois ou três grupos para a devida apresentação.

2.4. Leccionação de aulas

Libâneo (2002:178) entende que “leccionar a aula é toda forma didáctica organizada e dirigida directa ou indirectamente pelo professor tendo em vista realizar o ensino-aprendizagem”.

Na presente secção, dedicaremos-nos ao relato do processo de leccionação de aulas, onde Libâneo (1994) argumenta que “as relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afectivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na aula, fazem parte das condições organizativas do trabalho docente. O professor, não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos, dá-lhes espaço para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas”.

No que diz respeito ao número de aulas leccionadas e planificadas no CFPM tivemos vinte e duas aulas, nove correspondentes ao EPI e treze aulas correspondentes ao EPII. Portanto, as aulas no CFPM eram administradas com enfoque ao ensino centrado no formando. Por exemplo, o FH partilhava tema e os formandos pesquisam e na aula seguinte partilhavam o teriam pesquisado. Com o intuito de criar uma intencionalidade pedagógica e um ambiente facilitador das aprendizagens dos formandos, criou-se um trabalho colaborativo e participativo com os formandos. Ilustrado no anexo 4, Ficha de Amigo Crítico, no ponto 3.

2.4.1. Ensino focado no formando e ensino focado na formadora

Face a esta situação, a realidade vivida no CFPM levou-nos a perceber que o ensino é muito mais centrado no aluno, onde o formador simplesmente quando chega na sala apresenta o tema do dia e o maior tempo é consumido pelos formandos a debater o tema que não chegam a ter nenhum consenso a respeito. Por detrás disso, o formador desempenha o papel de mediador e já no fim da aula faz sistematização em 5 ou 10 minutos. Relativamente a esta prática, percebemos que os formandos em muitos casos terminam as aulas sem ter percebido quase nada, pois os conteúdos

relacionados com língua moçambicanas são complexos e que precisam de uma explicação amplamente profunda

Portanto, a nossa leccionação de aulas no CFPM ajudou-nos muito a melhorar o desempenho relativo ao aspecto didático-pedagógico e PEA, por exemplo, como lidar com os alunos em plena aula, como estruturar os conteúdos sobretudo nas aulas de DLM e entre outros aspectos importantes ligados a conteúdos de línguas moçambicanas.

2.4.2. Domínio de métodos de ensino da L1 em forma de Relatório Reflexivo do Seminário

Majuisse et al (2020) “a língua é, essencialmente um código de comunicação. A oralidade constitui o primeiro estágio de aquisição de uma língua. Todavia, a expressão oral tem sido negligenciada na escola, sobretudo quando se trata da língua materna do aluno. O fundamento de muitos professores é de que a língua materna já é do domínio da criança e, por isso, as habilidades de ouvir e falar já foram desenvolvidas na primeira infância.

O ensino da língua verificada na disciplina de DLM, não deve ser tomado no seu sentido cristalizado de dar, passar, transmitir conhecimentos, mas como forma de construir experiências valiosas para língua materna. Com isso, no CFPM verificamos que a apresentação de métodos de ensino de L1 pelos formadores não tem-se dado primazia no âmbito de leccionação de aulas, mas sim os formandos são obrigados a descrever o mesmo método no relatório reflexivo de seminário.

2.4.3. Modelagem dos estagiários na sala de aulas

Partindo do pressuposto que a leccionação de aulas é a parte visível do processo ensino-aprendizagem, vimos a necessidade de olhar a leccionação de aulas numa turma em que existam dois ou mais formadores estagiários visando a prática da modelagem que a mesma consiste na intervenção de um professor assistente de uma aula a ser leccionada. Caldeira (2011:68) fundamenta que, a modelagem “oferece possibilidades de ser desenvolvida de acordo com o interesse dos alunos e caracteriza-se como motivadora do processo de ensino e aprendizagem”.

Olhamos a modelagem na sala de aulas como sendo um factor crucial, tendo em conta que alguns estagiários têm demonstrado falta de domínio de certos conteúdos no âmbito da leccionação e com a presença de outro colega que assiste a aula ajuda de imediato a ultrapassar o

colapso ou imprevisto que o FE enfrenta naquele momento. Neste ciclo, importa ressaltar que, o formador assistente não pode de forma exagerada intervir enquanto o colega estiver a leccionar, aliás, a intervenção deve ser para questões pontuais, designadamente: Esclarecimento da matéria em que o formador estiver a colapsar; acréscimos, observações em torno da aula quando o FH concede a palavra. Todavia, esta prática foi muito produtiva na leccionação de aulas no CFPM

2.4.3. Reflexão crítica e pedagógica sobre leccionação de aulas

Para haver melhor rendimento dos educandos no PEA é preciso um trabalho árduo, sobretudo na planificação e estruturação das aulas a serem leccionadas em matérias ligadas a línguas moçambicanas. O facto de os FHs usarem a técnica de ensino centrado no formando, retarda de certa forma alguns formandos, sobretudo os mais fracos porque o formador tem ficado na sala de aulas como um simples figurante e fala menos tempo e como consequência disso os formandos após a sua formação não se identificam com ensino bilingue (EB).

Tendo em vista a presente sub-secção concluímos que, para que haja uma boa leccionação deve haver um plano de aulas bem estruturado com objectividade para facilitar no alcance dos objectivos desenhados.

2.5. Supervisão de aulas e do estágio

O estágio supervisionado permite complementar as aprendizagens disciplinares e enriquecê-las mediante a possibilidade de aplicá-las em contextos profissionais (Zabalza, 2014).

A supervisão pedagógica contribui sem sobressaltos ao oferecer suporte de competências pedagógicas e didácticas, além de estimular a reflexão sobre a prática e o diálogo crítico com outros profissionais. Sendo assim, é extremamente importante a existência de supervisão de aulas, pautada pela colaboração e pelo respeito mútuo, visando a construção colectiva do conhecimento. Portanto, a supervisão pedagógica é uma contribuição significativa na formação do estagiário, porque apresenta o desenvolvimento de muitas habilidades e competências, reflexão crítica sobre a prática e o diálogo com outros profissionais da educação (Gomes & Oliveira, 2018).

Quanto à relevância da supervisão pedagógica no contexto de EP, este tem um papel fundamental na promoção da qualidade de ensino, pois permite que os estagiários recebam um feedback contínuo sobre o seu trabalho, identifiquem as suas dificuldades e recebam orientação e apoio para superá-las. Além disso, entendemos que a supervisão pedagógica também permite que os supervisores identifiquem as dificuldades dos estagiários e proponham soluções pedagógicas para melhorar o desempenho do estágio. Adicionalmente, Nóvoa e Finger (2018), destacam a supervisão pedagógica como uma prática essencial para a transformação da educação e tem o papel de estimular a reflexão crítica dos professores sobre sua prática, ajudando-os a identificar e superar as barreiras que impedem a aprendizagem dos alunos.

No que concerne à descrição de supervisão pedagógica do estágio, importa salientar que o mesmo decorreu num ambiente ordeiro seguindo com rigor o TdR. O supervisor monitorava os estagiários geralmente nas OP que nos apresentava metodologias de ensino para facilitar e melhorar o nosso PEA, os FHs faziam a questão de sentar connosco a cada fim da aula para avaliar a leccionação da mesma, onde corrigia-se alguns aspectos negativos que outrora teriam acontecido no âmbito da leccionação.

Face às principais constatações assinaladas pela supervisão no contexto do estágio e respectivas soluções, no primeiro contacto com os formandos e com a turma no âmbito da leccionação de aulas, o FH constatou que ao leccionarmos as aulas demonstrávamos uma insegurança na transmissão dos conteúdos, medo, o tom de voz em certos casos não era audível o que comprometia a assimilação da matéria por parte dos formandos. Como soluções para ultrapassar estes problemas, o FH orientou-nos a simular a aula em casa, em grupo, mantermo-nos firmes naquilo que falamos diante dos formandos. E, o SE em geral encorajou o cumprimento de TdR, planificação de aulas antes de nos fazer ao CE e exortou a participação massiva dos estagiários nas OP porque é nas mesmas onde nos encontrávamos para alinhar todos os aspectos ligados ao estágio desde a planificação conjunta, busca de soluções de alguns aspectos constatados pelos estagiários nos CEs.

2.5.1. Reflexões didáticas do estagiário sobre a supervisão vivenciado no estágio

A supervisão, a ser realizada conjuntamente (interacção constante do SE e do FH no acompanhamento dos estagiários) ela é efectiva quando praticada de forma sistemática e que os

supervisores estejam preparados para desempenhar o seu papel de forma adequada. Isso significa que os supervisores devem ter uma formação adequada em supervisão pedagógica e devem estar preparados em diferentes para resolver problemas constatados no dia-a-dia no contexto escolar.

2.5.2. Contribuições da supervisão no desenvolvimento pedagógico do estagiário

A supervisão pedagógica também é fundamental no exercício das actividades escolares dos professores e auxilia na identificação de áreas em que precisam melhorar. Dessa forma, a supervisão pedagógica contribui para a promoção eficiente da qualidade de ensino (Glickman et al., 2014).

Outrossim, a supervisão do estágio contribui essencialmente para o aprimoramento das habilidades de planificação de aulas, leccionação de aulas, gestão de sala de aulas comunicação com os formandos, aquisição de metodologias e estratégias para leccionação de aulas na disciplina de DLM.

2.5.2. Principais aprendizagens adquiridas

Sendo um período rico em aprendizado, o estágio supervisionado merece atenção de estagiários, docentes universitários e FHS. A união entre esses participantes permite criar acordos que reforçam o desenvolvimento profissional dos formandos. Aprendemos que o supervisor é um agente de mudança e inovação, orientando os professores na adopção de novas estratégias e metodologias, isto é, por meio dela que se avalia, orienta e acompanha o trabalho dos profissionais da educação, visando o aprimoramento contínuo do processo educacional.

Nesta subsecção, concluímos que o estágio supervisionado é a fase em que o aluno experimenta, de maneira completa e prática, o papel de docente ao interagir directamente com os alunos em sala. É nesse período que ele une a teoria estudada à prática real de ensino. Durante o processo, o estagiário enfrenta desafios típicos da função, mas com o apoio do supervisor do campo consegue actuar com mais responsabilidade e evoluir. Assim, cabe ao SE fazer intervenções positivas quando preciso, apontando quais práticas precisam melhorar e reflectir junto com o estagiário sobre sua postura como futuro professor em sala de aulas.

2.6. Avaliação de aprendizagem

Avaliação é um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar e medir os conhecimentos habilidades e atitudes adquiridos pelo aluno tendo em vista mudanças esperadas no comportamento (Peletti, 2004).

Para Haydt (2004: 19) a avaliação formativa ocorre durante o processo de aprendizagem e é usada para fornecer feedback aos alunos e orientar o professor na adaptação de sua instrução.. A avaliação somativa, com função classificatória, é realizada ao final de um curso, período lectivo ou unidade de ensino, com o propósito de classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente visando à sua progressão para o próximo estágio ou grau.

Quanto à avaliação formativa, os formandos do CFPM no fim de cada aula eram orientados a fazer os exercícios que nos permitiam descobrir/ medir o nível de compressão dos conteúdos. Por isso, em casos em que detectávamos algumas dificuldades dávamos alguns subsídios com vista a buscar os resultados desejados para certo conteúdo. Relativamente à avaliação sumativa, os formandos realizaram 4 testes escritos, 2 na disciplina de LME (no primeiro semestre) e outros 2 na disciplina de DLM (no segundo semestre). Igualmente, no final de cada unidade temática, os formandos eram orientados a elaborar um texto resumo nas suas línguas bantu sobre as unidades temáticas de cada disciplina. Vide os anexos 5 e 6.

2.6.1. Principais dificuldades e sucessos dos formandos

No âmbito do nosso estágio os formandos primeiramente enfrentavam graves na leitura e escrita das suas línguas de trabalho (língua bantu), este factor fez com que criasse muitas barreiras na produção de exemplos práticos das suas línguas, observamos timidez por parte dos formandos no âmbito da simulação de aulas na disciplina de DLM. Como forma de ultrapassarmos esses desafios, adoptamos a estratégia de criar uma fica de apoio de escrita conjuntiva e disjuntiva, no fim de cada aula orientávamos que cada formando na sua língua bantu fizesse o resumo da aula e que de forma aleatória indicávamos 3 formandos para apresentar. Este exercício, foi desenvolvendo até que chegamos ao ponto em que os formandos produziam composições e redacções nas suas línguas e logramos sucessos na disciplina de DLM.

2.6.2. Análise de competências de aprendizagem desenvolvidas pelos formandos durante o EP

De acordo com o cenário vivido no CFPM concluímos que os formandos não estão preparados para leccionar o ensino bilingue (EB), primeiro, entendemos que muitos formandos apresentam problemas de domínio das suas próprias línguas bantu, onde uns têm a L2 como língua materna, segundo, entendemos que há muita falta de prática para desenvolver os conteúdos que tem a ver com as línguas bantu (há muita teoria até na disciplina de DLM); terceiro, não tivemos recursos para produzirmos muitos materiais didáticos para apoiarmos os formandos e quarto, na disciplina de DLM há muitos temas e métodos bons que os estagiários tiveram com eles o primeiro contacto no CE o que dificultou a leccionação mais aprofundada dos mesmos. Por exemplo, o método fónico que não tivemos material didático para desenvolvermos a escrita integrada e o método de leitura de imagem que não foi possível levar consigo cartazes para girar na sala de aulas para a possível interpretação de cada passo.

2.6.3. Pontos críticos vivenciados relacionados com avaliação de aprendizagem

Hoffmann (2000: 181) diz que “o professor deve desmistificar a ideia de ser o detentor do saber, que tem o poder de aprovar ou reprovar, lembrando sempre que, como parte do processo educativo, o resultado negativo de uma avaliação não está apenas mostrando o desempenho do aluno, mas também o trabalho do professor.”

Neste ponto, destacamos que os formandos são orientados a elaborarem relatórios reflexivos de seminário (descrever o que entendeu na apresentação do tema do grupo A, B ou C), com isto percebemos que os mesmos formandos se trocam os trabalhos e se copiam, no final das contas entregam o formador para avaliar e corrigir. No âmbito do estágio descobrimos e aplicamos a sanção aos formandos atribuindo nota zero. O aspecto foi nos testes escritos, os formandos não conseguiam escrever exemplos nas suas línguas de trabalho, mas porque constava como avaliação não deixamos escapar, encorajamos para preencherem com o que deviam. Por fim, a disciplina de DLM é caracterizada pela prática e ao longo das aulas os formandos demonstravam domínio, mas quando no teste pedíamos para elaborarem um plano de aula de um certo método os mesmos não conseguiam, e para colmatar reservávamos um dia de aula para ensinar como se planifica uma aula, embora em outras aulas teríamos abordado isso. Vide o anexo 7

Face às aprendizagens adquiridas, para que as nossas PP fossem boas, deveu-se as orientações dos supervisores e do nosso trabalho árduo nas preparações das actividades antes e depois das aulas. Portanto, ao longo da avaliação e aprendizagem no CFPM aprendemos a criar uma grelha de avaliação contínua (avaliar o formando quando participa na aula) para que quando num teste não alcançar bons resultados recorrermos a ela para ajudar o mesmo; aprendemos que a elaboração de teste é de acordo com os objectivos alcançados ao longo dos temas abordados e aprendemos que não se pode elaborar um teste com conteúdos que não fazem parte da unidade temática, pois compromete o PEA dos formandos e do formado.

2.7. Avaliação crítica sobre o estágio

O estágio pedagógico trata-se de uma actividade de práticas pedagógicas gerais e praticas pedagógicas específicas, que tem como objectivo colocar o estagiário em contacto directo com a realidade profissional do curso em que está inscrita, proporcionando-lhe novas aprendizagens, treino e consolidação de aquisições anteriores (Dias, 2008).

Durante o EP tivemos alguns entraves visto que na UEM temos um modelo de plano de aula e chegado ao CE deparamo-nos com outro modelo o que dificultou a planificação nas primeiras semanas porque os FHs não queriam que os FO usassem o modelo de plano da UEM. Antes do início do estágio, as expectativas foram enormes, sobretudo a leccionação de aulas no CFPM, apesar de não possuímos experiências na área de leccionação, mas que pela primeira vez estivemos a leccionar perante uma turma que é composta por formandos adultos, com alguns conhecimentos sólidos, percebemos numa primeira fase que éramos capazes de nos enquadrar perfeitamente e termos um domínio dos conteúdos bem como da turma em geral.

Ainda assim, com o TdR éramos instados a elaborar materiais didácticos e avaliação do ensino-aprendizagem no contexto das disciplinas de DLM e LME bem como familiarizar o estagiário com todo o ambiente de formação de professores primários e educação de adultos, e nesta ordem de ideias não tivemos recursos suficientes para comprarmos materiais para produzirmos materiais didácticos. Outrossim, o estagiário era instado a apoiar nas actividades de correcção de actividades e de avaliações dos formandos, porém a primeira vez não tivemos suporte por parte dos FH e por causa disso os formandos se sentiram injustiçados e recolhemos os testes para a revisão junto com FH e daí não tivemos problemas desta natureza até a nossa saída.

3. Conclusões

O estágio pedagógico desenvolve em cada estudante a compreensão, aplicabilidade dos conteúdos aprendidos desde o I Ano, no curso de Licenciatura em Ensino de Línguas Bantu, não só mas também instrumentaliza o formador estagiário a tomar consciência, sobretudo das suas responsabilidades enquanto professor de línguas moçambicanas.

Por outro, o estágio pedagógico oferece aos estudantes estagiários as atitudes adequadas a ter em conta na boa preparação bem os conteúdos de uma determinada disciplina; criação de interesse pelo ensino nos seus formandos; utilizar bem as técnicas e instrumentos que aperfeiçoam o conhecimento sólido sobre a matéria em causa e criar situações de forma que depois da aula o professor e os seus alunos possam reflectir em torno dos conteúdos abordados no decorrer de uma determinada aula.

As aulas observadas são bastante proveitosas tanto para o observador como para o observado, pois constituíram um momento de troca de experiência e aprendizado para os intervenientes deste processo de observação de aulas. Como já nos referimos uma das tarefas dos formadores estagiários é a reflexão sobre as suas práticas, portanto, sempre depois das aulas leccionadas é importante que se faça a análise profunda da aula para se perspectivar melhorias na próxima aula

3.1. Recomendações

Tomando como base o nosso percurso académico, sobretudo o estágio pedagógico apraz-nos apresentar algumas recomendações à Universidade Eduardo Mondlane e Centro de Formação Pedagógica de Mahulane. Para o estágio pedagógico I sugerimos que o mesmo seja feito dentro da instituição com vista a preparar o estudante para o estágio pedagógico II; para os cursos de ensino, pedimos que se introduza a disciplina de pedagogia para auxiliar a didáctica I e II; a secção de línguas bantu, nas disciplinas de didáctica I e II deve treinar os estudantes em quase todos métodos que são usados na disciplina de didáctica de língua moçambicana, nos centros de formação de professores primários, etc. Portanto, para o CFPM recomendamos: Promover cenários que envolvam línguas bantu (palestras, apresentação de jornal matinal, etc...); os formandos devem produzir mais materiais didácticos para as aulas da disciplina de DLM; recomendamos que os formadores hospedeiros sejam criativos na leccionação de aulas, nas disciplinas de línguas moçambicanas e incentivem aos formandos a gostarem o ensino bilingue.

Referências Bibliográficas

- Almeida (2012). *Modelagem Matemática na Educação Básica*. São Paulo: Contexto
- Aragão, R. F. & Silva, N. M. (2012). *A observação como prática pedagógica no ensino de geografia*. Fortaleza: Geosaberes
- Bortoni (2004). *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: parábola editorial
- Dias, H. (2008). *Manual de práticas pedagógicas*. Maputo. Editora educar.
- Fiorentini, D., Souza, A. & Melo, G. A. (orgs). (1998). *Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos*. Campinas: ALB e Mercado de Letras, p.307-335.
- Gallisson, R. & COSTE. (1983). *Dicionário de didáctica das línguas*. Coimbra: Livraria Almedina 22.
- Glickman, C.D. (2014). *Supervisão e Liderança Pedagógica: conceitos e práticas*. 9ª edição. Porto Alegre: Penso
- Gomes, L. F. S., & Oliveira, C. D. (2018). *A supervisão pedagógica na formação de professor: reflexões sobre a prática*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 13(1), 96-110.
- Haydt, R. C.C. (2011). *Curso de Didática Geral*. Ed. São Paulo: Ática
- Hoffmann, J. M. L. (2000). *Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola a universidade*. Porto Alegre: Mediação
- Januario, G. O. (2008). *Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor: seminário de história e investigações de/em aulas de matemática*. Campinas. Anais. II SHIAM. GdS/FE-Unicamp . v. único. p. 1-8.
- Nóvoa, A., & Finger, M. (2018). *Supervisão Pedagógica em Questão*. Educação, 41(1), 1-8.
- Piconez, S. C. B. (1991). *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. Editora Papirus: Campinas/SP.
- Piletti, C. (2004). *Didáctica Geral*. (23ª Edição). São Paulo: Editora Ática.

Piletti, C. (2004). *Didáctica Geral*. 23ª Edição. São Paulo: Editora Ática.

Reis, P. (2011). *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente*. 1ª edição. Portugal: Conselho Científico para a Avaliação de Professores.

Zabalza, M. A. (2014). *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez

Anexos

PLANO DE AULA

CENTRO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE MAHULANE

Unidade temática: Elementos do Nome

Data: 09 de Maio 2025

Formador local: Sumburane Mahulane

Estagiária: Jéssica Atalia Mahulane

Tema: Método Analítico-sintético e método fónico

Objectivo geral:

Compreender e comparar o método analítico-sintético e o método fónico, identificando suas características, aplicação e importância no ensino da leitura.

Objectivos específicos

No decurso da aula, o/a formando/a deve:

1. Definir cada método e explicar suas etapas.
2. Aplicar exemplos práticos de ensino de leitura usando cada método.
3. Identificar vantagens e limitações de cada abordagem.
4. Seleccionar materiais didácticos adequados para os dois métodos.

Competências esperadas

- Adoptar o melhor método para o contexto de ensino bilingue e em cada etapa do ensino de leitura

T	Função Didáctica	Conteúdos	Actividades		Métodos de Ensino	Meios de Ensino
			Formador	Formando		
15	Introdução e motivação	1. Continuação das apresentações sobre a leitura de imagem	1. Moderar a apresentação	1. Apresentar a no quadro	Exposição	Oral, Cartaz e quadro
		2. Síntese da aula anterior 5min	2. Orientar a síntese da aula passada depois da apresentação	2. Os grupos apresentam a síntese tendo em conta os resultados o que aprenderam o método	Elaboração conjunta	oral
25 min	Exposição da aula	Método Analítico-Sintético: <i>conceito, etapas, exemplos práticos.</i> Método Fónico: <i>conceito, etapas, exemplos práticos.</i>	Método Analítico-Sintético: ○ Explicar que parte do todo para as partes (ex.: história → frases → palavras → sílabas → letras). ○ Mostrar um texto simples, trabalhar a compreensão, depois destacar frases, palavras e sons.	Acompanharam e fazendo as perguntas	Exposição	Oral e quadro

			2. Método Fónico: ○ Explicar que parte dos sons (fonemas) para formar sílabas, palavras e frases. ○ Demonstrar sons isolados, depois formar sílabas e palavras com cartazes ou fichas.			
10'	Mediação / assimilação	Etapa 3 – Actividade Prática (20 min)	• Dividir a turma em dois grupos: ○ Grupo A: Usar o método analítico-sintético para ensinar uma frase curta. ○ Grupo B: Usar o método fónico para ensinar as mesmas palavras, mas partindo dos sons.	1. os grupos apontoam para os pontos importante do seu método.	Elaboração conjunta	Cadernos e canetas
15'	Domínio e consolidação	Discussão e Comparação (10 min)	Orientar o Registo no quadro as percepções dos alunos sobre cada método (facilidades, dificuldades, aplicabilidade).	Registam no quadro as percepções dos alunos sobre cada método (facilidades, dificuldades,	Elaboração conjunta	Quadro

				aplicabilidade).		
10'	Controle e avaliação	Discussão	1. perguntar a uma questão final escrita: "Qual método consideras mais eficaz para determinadas situações e porquê?"	Resposta a uma questão final escrita: "Qual método consideras mais eficaz para determinadas situações e porquê?"	Trabalho em grupo e activo	
	Extensão da aula	PTC	Orientar um trabalho de elaborar dois planos: uma do método analítico-sintético e um do método fónico.	Toma nota sobre o trabalho	Trabalho em grupo e activo	Cadernos e canetas



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO
SERVIÇO PROVINCIAL DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CENTRO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE MAHULANE

Departamento de Comunicação e Ciências Sociais

1º Teste Escrito de Estrutura de Línguas Moçambicanas e sua Estrutura, 1º ano, 2025

Leia atentamente as questões e responda-as com clareza, precisão e correcção na folha de respostas

1. Ao longo das nossas aulas abordamos a situação linguística de Moçambique.

a). Identifique uma língua bantu falada em cada uma das províncias de Moçambique. (2.75v)

b). Estabeleça a diferença entre língua e dialecto. (1.75v)

2. Qualquer revisão ou reforma curricular na educação baseia-se, sempre, em fundamentos teóricos, técnicos e práticos. Em termos práticos, a utilização das línguas moçambicanas no ensino resulta do reconhecimento do Ministério da Educação de que a maior parte das crianças em idade escolar no país tem como língua primeira uma língua moçambicana e quando ingressa, pela primeira vez, na escola não fala a língua portuguesa, a língua oficial. (**Manual de DLP, pág.28**).

Apresente as três razões que justificam a introdução das línguas moçambicanas no Sistema Nacional de Educação (SNE). (4.5v)

a). Explique uma razão a sua escolha. (1.75v)

3. Modificações consonânticas.

a). Com base em exemplos, identifique os processos de modificações consonânticas que estudou. (4.0v)

4. No âmbito das nossas aulas falamos do nome.

Socorrendo-se de exemplos da tua língua, identifique a estrutura do nome. (3.0)

5. Ortografia das línguas moçambicanas.

Na sua língua de trabalho, num mínimo de 10 linhas, redija uma composição sobre a importância do estudo das línguas moçambicanas na educação. (5.0 V)

Bom trabalho



**SERVIÇO PROVINCIAL DE ASSUNTOS SOCIAIS
CENTRO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE MAHULANE**

Departamento de Comunicação e Ciências Sociais

2º Teste de Línguas Moçambicanas e sua Estrutura, Duração: 100Min

Lê atentamente as questões que se seguem e responda com clareza

1. A partir do verbo a sua escolha, apresente a sua estrutura.
2. A locativização é um processo que nos ajuda a localizar os seres no tempo e no espaço.
 - a) Recorrendo a exemplos, apresente o processo de locativização na sua língua moçambicana.
3. Elabore duas frases usando pronomes interrogativos na sua língua de trabalho.
4. Em todas línguas do mundo há formas de qualificar os nomes, e essa função geralmente é desempenhada pelos adjectivos. As línguas moçambicanas, embora não disponham de muitos adjectivos realmente ditos, tem suas formas mais produtivas de qualificar os nomes.
 - a) Dê exemplos de pelo menos quatro (4) adjectivos reais.
5. Na sua língua moçambicana, conjugue o verbo “vender” no presente e identifique as marcas do sujeito, do tempo e de negação.
6. Durante as nossa aulas, vimos extensões verbais que se afixam a raiz verbal para estender o seu significado.
 - a) Baseando-se em exemplos, apresente três tipos de extensões à sua escolha.
7. Em 10 linhas, elabore uma composição sobre a importância dos direitos humanos.

Bom trabalho



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO
SERVIÇO PROVINCIAL DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CENTRO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE MAHULANE

Departamento de Comunicação e Ciências Sociais

Grelha de avaliação participativa dos formandos na Disciplina de Línguas Moçambicanas e Sua Estrutura

Ord.	Nome do formando	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data
1	Abieiro Sumail Coreia	09/08		14/08		16/08		21/08		23/08		28/08		30/08		01/09
2	Adimiro Victorino Manuel															
3	Arão Alberto Augusto Sinate															
4	Assucena Alfredo Mandlhate															
5	Avelino Amercio Dic															
6	Carolina Paulo Ubisse															
7	Charles Isac Nhamadzão															
8	Cláudia Alson Felizardo															
9	Crimilda Adélia Mindu															
10	Édia Cheid Eduardo Ngovene															
Continuação		Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data	Part.	Data
		09/08		14/08		16/08		21/08		23/08		28/08		30/08		01
11	Edna da Helena Ndzove															
12	Elves Jone															
13	Inês Arsénio Chitsotso															
14	Júnia Gentil Ndeve															
15	Juvénia Teresa Macie															

16	Lúcia Gerónimo Muteto								
17	Marta Fenias Cuna								
18	Mateus Santos Tembo								
19	Naira Manuel Da Luz								
20	Nárcia Ofélia Maposse								
21	Nataniel Mbalane								
22	Samuel Jeremias Alexandre								
23	Semedo Arlindo Zandamela								
24	Sídia da Ofélia Orlando								
25	Síntia Leonardo Milengue								
26	Vanessa Sebastião								
27	Xadrequê Júlio								
28	Yunis Da Linda Ndove								
29	Zacarias Sebastião Pemba								
30	Zuide Pereira Ernesto								